

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

**A Tomada de Decisão em Jovens
Futebolistas:
O momento de transição defesa-ataque.**



João Miguel Jorge de Sousa

Coimbra, 2010

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

**A Tomada de Decisão em Jovens
Futebolistas:**
O momento de transição defesa-ataque.

Dissertação de mestrado com vista à
obtenção do grau de mestre em Treino
Desportivo para Crianças e Jovens, na área
científica de Ciências do Desporto, na
especialidade de Ciências do Desporto

Orientador: Prof. Doutor António
Figueiredo

Co-orientador: Mestre Vasco Vaz

João Miguel Jorge de Sousa

Coimbra, 2010

Índice Geral

Índice Geral	II
Índice de Quadros	III
Índice de Tabelas	IV
Agradecimentos	V
Resumo	VI
Abstract	VII
Capítulo I – Introdução	1
Apresentação do Problema	1
Objectivos do Trabalho	2
Capítulo II - Revisão de Literatura	3
Transição Defesa-Ataque	3
Tomada de Decisão	5
Decisão no Futebol	9
O jovem Jogador e o ensino do Futebol	12
Capítulo III – Metodologia	14
Construção do Instrumento	14
Amostra	15
Material e Métodos	16
Protocolo de Aplicação/Avaliação	16
Análise dos Dados/Tratamento Estatístico	17
Capítulo IV - Apresentação dos Resultados	19
Efeito da prática na qualidade da tomada de decisão	19
Efeito da visualização de jogos na qualidade da tomada de decisão	21
Efeito da posição no campo na qualidade da tomada de decisão	22
Efeito da selecção desportiva na qualidade da tomada de decisão	22
Capítulo V – Discussão dos Resultados	24
Efeito da prática na qualidade da tomada de decisão	24
Efeito da visualização de jogos na qualidade da tomada de decisão	26
Efeito da posição no campo na qualidade da tomada de decisão	26
Efeito da selecção desportiva na qualidade da tomada de decisão	27
Capítulo VI – Conclusões	29
Referências Bibliográficas	32
Anexos	39

Índice de Quadros

Quadro 1: Composição da Amostra	15
Quadro 2: Caracterização dos Treinadores/Peritos	18

Índice de Tabelas

Tabela 1: Influência dos anos de prática na qualidade da tomada de decisão	19
Tabela 2: A prática de outras modalidades e a qualidade da tomada de decisão	20
Tabela 3: Influência do volume anual de treino na qualidade da tomada de decisão	20
Tabela 4: Influência da visualização de jogos na T.V. na qualidade da tomada de decisão	21
Tabela 5: Influência da posição no campo na qualidade da tomada de decisão	22
Tabela 6: Influência da selecção desportiva na qualidade da tomada de decisão	22

Agradecimentos

Um trabalho desta natureza exige esforço e muita dedicação pessoal, mas só é possível concretizá-lo com o indispensável contributo de algumas pessoas que, com orgulho e sincero agradecimento, passo a enumerar.

Ao Professor Doutor António Figueiredo, pela disponibilidade demonstrada para o elevar desta dissertação e por todos os conhecimentos transmitidos ao longo destes cinco anos.

Ao Mestre Vasco Vaz, pelas partilha de ideias, pelo impulsionar deste estudo e pelo sucessivo acompanhamento.

Aos meus Pais, pelo esforço, pelas privações passadas e pelo apoio de sempre.

À Ju e à Kika, é delas também este trabalho.

A todos os jogadores, treinadores e clubes que participaram neste estudo.

À Professora Carla pela preciosa ajuda na tradução dos textos de apoio deste trabalho.

Ao Ribeiro, o meu “afilhado”, rei do Word.

Aos “amigos p’rá vida”, que estes anos “superiores” me proporcionaram.

Por último, mas tão importante, à Vera, pela inspiração, pela dedicação, por tudo que representa... e continuará a representar.

Resumo

Os estudos orientados para a avaliação dos processos cognitivos, como a tomada de decisão, têm procurado, na sua maioria, uma hierarquização de papéis e funções, tentando encontrar uma capacidade capital, potenciadora dos atributos psicomotores. Pretendemos com este estudo analisar e comparar a qualidade de tomada de decisão, tendo em consideração o tipo de prática, a visualização de jogos na T. V., a posição desempenhada e o nível desportivo, desenvolvendo um instrumento que avalie a qualidade da tomada de decisão em jovens Futebolistas, nomeadamente na transição defesa-ataque,

Para atingir os objectivos a que nos propusemos, reunimos um grupo de 130 atletas para formar a amostra deste estudo. A todos eles foi pedido que visualizassem um DVD constituído por 24 situações específicas de jogo referentes ao momento de transição ofensiva, e indicassem as duas opções de resposta (entre cinco) mais correctas para cada situação. Deste modo, utilizámos um projector de imagem, um computador portátil, um questionário individual e respectiva caneta para podermos aplicar o questionário de forma colectiva (por equipa).

Verificámos que, apesar de na globalidade do teste não existirem diferenças estatisticamente significativas, os resultados obtidos vão de encontro aos obtidos em maior parte dos estudos efectuados nesta temática no Futebol, apesar de poucos abordarem escalões jovens. Pudemos verificar que os atletas mais experientes, nomeadamente os que se dedicam em exclusivo à modalidade, apresentam uma melhor tomada de decisão. Verificámos também que os atletas que visualizam mais jogos na T. V. não apresentam os melhores resultados, da mesma forma que são os avançados os menos eficazes nas suas escolhas e os guarda-redes os mais exactos. Por último, foi possível verificar a melhor qualidade de tomada de decisão que os jogadores pertencentes à elite distrital apresentam.

Através da elaboração deste estudo, reunimos o seguinte conjunto de conclusões: não existe uma influência decisiva da prática na qualidade de tomada de decisão; a visualização de jogos na T. V. não contribui para o desenvolvimento das capacidades decisórias; a posição que um jogador ocupa em campo não é um factor de diferenciação da tomada de decisão; e a selecção desportiva evidencia uma influência sobre a qualidade da tomada de decisão.

Palavras-chave: Futebol, Tomada de Decisão, Jovens, Transição Defesa-Ataque.

Abstract

Cognitive processes assessment oriented studies, as in decision-making, have, in most cases, sought an hierarchisation of roles and functions, trying to find a primordial ability, potentiating of psychomotor attributes. It is our goal, throughout this study, to analyze and compare the quality of decision-making considering the type of practices, watching matches on TV, the position in the field and the sports level, developing an instrument which assesses the quality of decision-making of young soccer players, particularly in the defense-attack transition.

In order to attain our goals, we've gathered a group of 130 athletes which formed the sample in the study. Each one of them was asked to watch a DVD in which 24 specific game situations concerning the moment of offensive transition were shown and point out the two most correct answers (among five) for each situation. Thus we've used an image projector, a laptop, an individual questionnaire and a pen in order to administer the questionnaire in a collective way (by team).

We verified that, although there were no statistically meaningful differences, the results are the same as in most studies carried out in Football about this theme, despite only few approach younger echelons. We could see that experienced athletes, particularly those who dedicate themselves exclusively to football, display better decision-making abilities. We also verified that athletes who watch matches on TV don't show better results in the same way as strikers are less effective in their choices and goal-keepers are the most accurate. Lastly, it was possible to verify the best quality in decision-making that players in the district elite show.

Throughout preparation of this study, we've gathered the following set of conclusions: there is no conclusive influence of practice in the quality of decision-making; watching matches on TV does not contribute to the development of decisional abilities; the position each player takes in the field isn't a differentiation factor in decision-making; and the selective process in the formation it evidences an influence in quality of decision-making.

Key-words: Soccer, Decision-making, Youths, Defense-Attack Transition.

CAPITULO I

Introdução

1- Apresentação do Problema

O Futebol, tal como qualquer jogo desportivo colectivo, impõe desenvolvimentos sucessivos, quer na vertente física, como a resistência ou a velocidade, quer na vertente técnico-táctica, tendo a tomada de decisão um papel cada vez mais determinante não só no aumento da performance em competição, mas também no aumento da intensidade no treino. Mourinho, citado por Oliveira et al (2006), refere que é a concentração decisional exigida que permite que o treino seja mais intenso.

Seguindo as necessidades do treino demonstradas pelos treinadores, alguns autores, como Garganta (2005) referem que se torna fundamental desenvolver as capacidades relacionadas com as estratégias cognitivas que guiam a captação de informação e a tomada de decisão. Araújo & Volossovitch (2005) definem o “jogar bem” como estando relacionado com as melhores decisões, enquanto Mesquita (2005) diz que não é possível separar a acção da decisão.

Pensamos estar perante um aspecto dependente da dimensão táctica do jogo, isto é, não levando em conta a qualidade de um gesto desportivo ou o resultado de uma determinada situação específica de jogo, pretendemos explorar as razões da aplicação de uma acção ou de um gesto técnico, pretendemos chegar ao pensamento táctico do jogo. Segundo Garganta (1995), as situações de jogo, com a variabilidade, alternância e aleatoriedade que lhes é inerente, determinam a direcção dos comportamentos a adoptar pelos jogadores, pelo que a estes é reclamada uma atitude táctica permanente.

A investigação dos processos cognitivos em desportistas tem sido potenciada pelo desenvolvimento de modelos teóricos e tecnológicos, pois como refere Tavares (1999b), é extremamente difícil analisar e compreender o comportamento do atleta em situação real de jogo, sendo necessário recorrer-se a situações simuladas em laboratório.

Segundo Garganta (1997), no domínio científico os estudos realizados no Futebol têm exorbitado outras dimensões, a energético-funcional, principalmente, em detrimento da tática. Apesar de, nos dias que correm, alguns investigadores terem apostado no estudo das capacidades decisionais, a grande maioria das investigações continuam a focalizar a dimensão energético-funcional. Desta forma, pretendemos estudar a tomada de decisão exclusiva aos processos ofensivos, mais propriamente ao momento de transição ofensiva em jovens jogadores de Futebol.

1.2- Objectivos do Trabalho

Sendo este um trabalho de natureza exploratória, adaptando orientações de outras modalidades desportivas colectivas no âmbito da tomada de decisão, pretendemos compreender melhor as necessidades dos jovens futebolistas e fomentar o desenvolvimento das suas capacidades decisionais, procurando atingir os objectivos seguidamente enumerados.

Desta forma, como objectivo principal, pretendemos desenvolver um instrumento que permita a avaliação da qualidade da tomada de decisão de jovens Futebolistas, nomeadamente na transição ofensiva (defesa-ataque).

Pretendemos, de igual forma, responder ao seguinte conjunto de questões:

1. Existe uma influência decisiva da prática na qualidade de tomada de decisão?
2. A visualização de jogos na T. V. contribui para o desenvolvimento das capacidades decisionais?
3. A posição que um jogador ocupa em campo é um factor de diferenciação da tomada de decisão?
4. O processo de selecção tem em conta a qualidade da tomada de decisão?

CAPITULO II

Revisão de Literatura

2.1- Transição Defesa-Ataque

Os elementos duma equipa funcionam numa perspectiva teleológica, na medida em que as actividades que contribuem para o êxito do processo, são organizadas em função dum fim, que pode ser alcançado a partir de diferentes condições de trabalho. Não obstante, impõe-se a necessidade de detecção e interpretação de invariantes, bem como de variações significativas. Estas variações, por induzirem desequilíbrios importantes, constituem-se como transições de fase ou fases críticas do jogo, cuja importância é fundamental para a eficácia da dinâmica do jogo, nomeadamente no que se refere às transições defesa/ataque e ataque/defesa (Garganta, 2005).

O processo ofensivo do jogo de Futebol pode ser descrito em três fases distintas, segundo Queiroz (2003). A primeira, que corresponde ao momento específico de jogo explorado neste estudo, caracteriza-se pela construção de acções ofensivas por parte dos jogadores, que ao recuperarem a bola passam automaticamente a atacar, podendo progredir no terreno de jogo. A construção do processo de jogo ofensivo procura assegurar a deslocação da bola da zona de recuperação para os espaços essenciais do terreno de jogo (Castelo, 1996).

Para Queiroz (2003), a segunda fase diz respeito à criação de situações de finalização, onde os jogadores procuram formas eficazes para conseguir finalizar. Visando a desorganização do método defensivo adversário para a concretização do objectivo do jogo, é nesta fase que decorrem as combinações mais refinadas do ponto de vista táctico (Castelo, 1996).

A terceira fase, ainda segundo Queiroz (2003), corresponde ao processo de finalização, onde a equipa em posse de bola procura marcar golo, desenrolando-se numa zona restrita do terreno de jogo, onde a pressão dos adversários é elevada e o espaço de realização é muitas vezes diminuto. Nesta fase é exigido uma precisão e um ritmo elevados de execução táctico-técnica, em que a espontaneidade, a determinação e a criatividade são as componentes mais importantes (Hughes, 1994; Castelo, 1996).

Em estudos efectuados por Garganta (1997) e Wrzos (1984) foi possível constatar que existe um maior fluxo de transição em detrimento da finalização. Para alguns treinadores de sucesso, como é o caso de Mourinho (cit. por jornal “A Bola”, 04-02-2003), os jogadores, nas transições têm de saber efectuar a melhor escolha e adoptar a melhor posição.

O objectivo da transição defesa-ataque, caso haja condições para o concretizar, é o de aproveitar a desorganização posicional do adversário e progredir em direcção à baliza adversária, para criar, o mais rápido possível, situações de golo (Queiroz, 2003). Desta forma, pretende-se criar e aproveitar o espaço, através de diversas movimentações, para que o adversário não tenha tempo para se organizar defensivamente, sendo fundamental explorar e ocupar rapidamente os espaços vazios e vitais do terreno de jogo, no sentido de se oferecer linhas de passe em profundidade e em largura ao portador da bola (Castelo, 1996). Queiroz (2003) refere ser indispensável a circulação de bola, bons passes, controlo do tempo e qualidade técnica dos jogadores.

Porém, no sentido de evitar ao máximo interrupções da transição defesa-ataque, ao iniciar-se a circulação de bola, deve-se ter muita segurança no controlo de bola e nos passes efectuados (Queiroz, 2003; Irureta, 2003).

Um dos aspectos mais importantes na transição defesa-ataque tem a ver com a zona do terreno em que se procede à recuperação da posse de bola, pois irá influenciar a eficácia de uma equipa (Hughes, 1994). Segundo Castelo (1996), é na zona central do sector defensivo que ocorrem mais recuperações de bola, ou seja, é onde se inicia o maior número de transições ofensivas, algo que pode ser explicado pelo maior índice de concentração de jogadores.

Garganta & Pinto (1998) referem que todos os jogadores devem participar nas transições, através de uma rápida e brusca mudança de atitude mental. Desta forma, os jogadores, quando perdem a bola, devem converter-se imediatamente em defesas, e quando a recuperam, em atacantes (Valdano, 2001). Deve existir uma expressão colectiva nos processos defensivo e ofensivo (Queiroz, 2003), isto é, nem o processo ofensivo é exclusivo dos avançados, nem o processo defensivo é exclusivo dos defesas (Castelo, 1996; Vásquez, 2003).

Segundo Vásquez (2003), o mais difícil para um treinador é explicar aos seus atletas que as suas funções não terminam exclusivamente numa das fases do jogo, e que têm de transitar rapidamente de umas fases para as outras.

Os jogadores têm, hoje em dia, menos tempo para proceder a um raciocínio tático correcto, sendo cada vez mais importante pensar rapidamente.

2.2- Tomada de Decisão

A complexidade dos Jogos Desportivos Colectivos implica a necessidade de um jogador realizar constantemente acções táticas, de grande exigência a nível do sistema perceptivo-decisional pois o envolvimento muda sucessivamente (Tavares, 1999a). Este autor refere ainda que as acções táticas se realizam em cooperação directa com os colegas de equipa e em oposição aos adversários. O sistema de inter-relações que se vai criando durante o jogo possibilita ao jogador a utilização de acções individuais de forma adequada. Mesmo com a pré-determinação das acções de jogo (sistematização), a tomada de decisão mantém a sua natureza complexa. Desta forma, as decisões que os jogadores têm de, rapidamente, tomar em jogo são influenciadas por questões como o contexto, o espaço e o tempo de jogo, e as relações de colaboração e oposição que se estabelecem.

Cada sujeito entende o jogo, as suas configurações, em função das aquisições anteriores e do estado presente. Perante o fenómeno jogo, o observador constrói uma paisagem de observação, entendida como um conjunto de estímulos organizados face ao “ponto de vista” que ela possui sobre o fenómeno. Ou seja, retém o que se lhe afigura pertinente, interpreta os dados dispersos e organiza-os conferindo-lhes um sentido próprio, o que quer dizer que o sentido do jogo é construído e depende de um modelo de referência (Garganta, 1997).

Ao longo da história têm sido apontadas várias perspectivas de abordagem da tomada de decisão, mas, neste trabalho, iremo-nos dirigir para o pensamento ecológico. A razão desta decisão prende-se com a complexidade da perspectiva cognitivista.

A tomada de decisão, segundo o pensamento cognitivista, decorre do modelo de processamento da informação que nos diz que, segundo Alves e Araújo (1996), que a informação flui desde o aparecimento do estímulo até à execução da resposta motora passando por cinco fases: recepção, percepção, decisão, programação e execução.

Fradua (1997), citando Sonnenshein (1993), refere que as características que possui uma situação concreta estão codificadas pelo jogador, atribuindo-lhe, este, um determinado significado. (...) a estrutura cognitiva é fundamental para o jogador perceber o contexto das diferentes situações que se lhe deparam.

Em qualquer Jogo Desportivo Colectivo, o tempo que cada jogador tem para tomar decisões não parece permitir que haja o aparecimento do estímulo, a selecção da resposta viável e só depois a sua execução.

Segundo Araújo (2005), esta perspectiva acarreta o problema de espaço de memória para armazenar a informação de cada situação já praticada, assim como o problema de tempo para, durante uma acção desportiva, detectar, identificar, associar, comparar, seleccionar, programar e executar uma resposta.

Os processos mental e psíquico de uma determinada acção, para Mahlo (1980), são realizados em três fases principais: uma primeira fase que permite ao jogador tratar sem interrupções as informações necessárias à identificação do problema que lhe é colocado (percepção e análise da situação); uma segunda que consiste no elaborar da solução que o sujeito pensa ser a mais adequada para resolver o problema (solução mental do problema); e uma terceira que se reporta à execução eficaz, do ponto de vista motor, dessa solução (solução motora do problema). “Os pressupostos cognitivos ocupam uma posição permanente e de destaque no quadro da estrutura complexa da prestação em jogo. De facto, nos jogos desportivos é necessária uma contínua determinação de propósitos e programas de acção, nas quais são implicados processos de percepção e de antecipação da situação de jogo, decisão adequada, solução precisa e tempestiva dos problemas motores” (Konzag, 1990)

Segundo a perspectiva ecológica, a tomada de decisão, para além de depender da capacidade do indivíduo, encontra-se, principalmente condicionada pelo que o contexto permite fazer. Desta forma o atleta detecta no envolvimento as possibilidades de acção – affordances, segundo Gibson (1979, cit. por Araújo, 2005) – direccionadas para o

objectivo, existindo desta forma uma dependência recíproca entre percepção e acção (Oliveira & Oudejans, 2005), que condiciona as tomadas de decisão que emergem do atleta.

Greco (1989) refere que é da capacidade de relacionar a percepção da situação e a sua solução mental com a solução motora que dependerá o sucesso individual e colectivo, envolvendo processos cognitivos (percepção, antecipação e imaginação) no atleta, os quais não se apresentam de forma isolada, mas sim como um todo, uma unidade inseparável que se expressa num acto motor específico, sinónimo de comportamento táctico.

A percepção potencia a construção de padrões que cartografam a interação do organismo com o meio, os quais são edificados de acordo com as convenções do cérebro. Desta forma, as imagens que se criam nas nossas mentes não são fac-similes de nenhum objecto ou evento específico, mas antes imagens das interações de cada um de nós com essas “realidades” (Damásio cit. por Garganta, 2005).

Alguns autores (Vick, 1978, cit. por Greco & Chagas, 1992; Greco, 1989; Castelo, 1994) referem que os jogadores, para resolverem um problema colocado por uma determinada situação momentânea de jogo, adaptam a sua acção tendo em conta:

- A percepção e análise da situação, representando um processo único de aquisição de informação através dos órgãos sensoriais, particularmente a visão, seguida da análise de toda a situação;
- Construção de uma solução mental, representando um processo intelectual de tomada de decisão de acordo com a percepção e análise anteriores, relacionando-as com os conhecimentos adquiridos pela experiência (situação desejada);
- Expressão da solução mental numa resposta motora, representando a solução prática da situação de jogo, dependendo essencialmente dos sistemas efectores suportados pelos sistemas nervoso e muscular. Nesta fase já foi seleccionado o gesto técnico que será aplicado, bem como os parâmetros de qualidade do movimento (o quê?/ como?/quando?) necessários para a obtenção do êxito;

- Interpretação do resultado em função da eficiência (baseado na comparação dos dois pólos “foi/ deve ser”), e interiorização do resultado na memória, facilitando a resolução de situações idênticas (servindo de base para uma nova situação), sendo parte importante na bagagem tático-técnica do jogador.

Segundo Araújo e Volossovitch (2005), os jogadores com tomada de decisão mais efectiva têm a capacidade de perceber as mudanças relevantes que acontecem no jogo, ou seja, captam e usam a informação relevante do jogo, de uma forma intuitiva, e não pela compreensão racional da situação no campo.

Laguna (2005), refere que a grande parte do êxito ou fracasso depende de se conseguir actuar em tempo útil, tempo frequentemente muito restringido, sendo então importante actuar bem, mas também actuar rápido. Garganta (1999) refere mesmo que “à luz das exigências do desporto actual, é preciso cada vez ser mais rápido (...) a realizar uma acção, mas também a pensar, a encontrar soluções, a perceber o erro, a descodificar os sinais do envolvimento. Em síntese, mais rápido e melhor, a perceber, a pensar e a agir”.

Este autor refere, ainda, que nas modalidades que fazem parte dos Jogos Desportivos Colectivos, o que se demanda constantemente é uma síntese entre velocidade e eficácia na tarefa, o que implica a percepção da importância que assume a unidade entre o sistema perceptivo e a velocidade de realização (Garganta, 1999).

Para Jalabert (1998, cit. por Garganta, 1999), as interacções do sistema perceptivo com a velocidade de realização organizam-se em torno de três eixos:

- Selecção das informações: o jogador de alto nível ganha tempo seleccionando, cada vez mais rapidamente, num caos de informações, aquelas que lhe são mais úteis para atingir o objectivo;
- Ligação entre as informações: o jogador de alto nível invoca as experiências passadas para prever as consequências das acções que realiza, as quais se revelam determinantes para a obtenção de sucesso;
- Reorganização sensorial do controlo do movimento: ao invés do principiante, para quem o controlo visual da bola é indispensável, o jogador experimentado utiliza a propriocepção, o que se torna mais económico a nível temporal, dado

que tal o disponibiliza, do ponto de vista cognitivo, para o tratamento da informação.

Como nota transitória podemos afirmar, segundo Castelo (1994), que a “dimensão dos comportamentos motores visíveis dos jogadores, indispensáveis à resolução dos problemas provenientes das situações de jogo, reflectem uma relação consciente e inteligível (...) mas não representam mais que a fase final de um longo e complexo processo psicofisiológico”.

2.2.1- A Decisão no Futebol

O jogo de Futebol é uma construção activa, na medida em que o seu desenvolvimento decorre da afirmação e actualização das escolhas e decisões dos jogadores, realizadas num ambiente de diversos constrangimentos e possibilidades. Face a uma situação de jogo, cada jogador privilegia determinadas acções em detrimento de outras, estabelecendo uma hierarquia de relações de exclusão e de preferência (Garganta, 2005).

Segundo José Mourinho (in Oliveira et al, 2006), uma das coisas que fazem com que o treino seja mais intenso é a concentração decisional exigida. Um dos problemas dos Jogos Desportivos, segundo Bouthier e Savoyant (1984, cit. por Tavares 1999a), diz respeito aos princípios de articulação, entre a autonomia individual de decisão e a necessária coordenação das acções pessoais na acção colectiva.

As acções técnicas estão, segundo Castelo (1994), sempre associadas a um raciocínio tático, que constitui o principal factor que concretiza e materializa a concepção e as intenções táticas de uma equipa. A técnica e a tática forma, portanto, uma unidade dialéctica, condicionando-se e influenciando-se reciprocamente. Brito (1995) refere que a intenção tática é um fim, enquanto que a técnica é um meio, “não se podendo conceber um meio independentemente do fim a que se destina, isto é, “o raciocínio tático é aquele que confere conteúdo tático aos procedimentos técnicos (Teodorescu, 1984).

A natureza do jogo de Futebol é determinada, segundo Castelo (1994), por três vertentes fundamentais:

- A variabilidade das situações de jogo (ritmo de mudança): promovendo elevadas exigências dos mecanismos proprioceptivos dos jogadores, pela constante concentração que exigem no sentido de, dessa forma, ser realizada a correcta leitura de jogo e assim decidir pela resposta motora adequada ao momento. Porém, a variação sistemática das situações de jogo e respectivas acções técnico-táticas dos jogadores reduzem de forma considerável a coerência dos acontecimentos devido ao aumento do número de variantes possíveis manipuladas pelos jogadores.
- A constante modificação – transitoriedade (complexidade da mudança): ao caracterizar a instabilidade do meio envolvente que se encontra em constante mutação, determina um aumento da complexidade de todas as componentes da estrutura da situação, obrigando o jogador a cumprir funções dentro da organização da sua equipa, de maior amplitude, resultando num maior número de opções técnico-táticas a tomar.
- A capacidade de decisão dos jogadores: procurando, face às características que presidem no desenrolar do jogo, por um lado, anular a incerteza face aos seus companheiros, e por outro lado, aumentar a incerteza face aos seus adversários. O jogador, no reduzido tempo que dispõe para agir, terá de encontrar os índices pertinentes (selectividade) sobre as condições e intenções que a situação de jogo e decidir quais os comportamentos técnico-táticos a adoptar.

No Futebol, as decisões realizam-se preponderantemente numa dinâmica relacional colectiva devendo ser coordenadas no seio de sistemas de decisão, os quais mantêm inter-relações de causa efeito. Segundo Temperado (1989, cit. por Tavares, 1993), a decisão não é apenas funcional, participando na resolução da tarefa, mas também significativa, pois informa colegas e adversários influenciando as suas próprias decisões.

Para Castelo (1994), “cada situação de jogo comporta índices de identificação bem definidos e hierarquizados que são o testemunho do seu significado táctico-técnico e que transportam em si as ligações essenciais através dos quais os jogadores “ao lerem”

a situação (atribuindo-lhe um determinado significado) avaliam as suas possibilidades de êxito”. Desta forma, os comportamentos técnico-tácticos implícitos no exercício de treino terão, assim, de induzir a construção de um sistema de esquemas de assimilação e de organização do real a partir de estruturas espacio-temporais e causais. A sucessiva e progressiva interacção que o jogador estabelecerá, dessa forma, com a realidade de jogo através do exercício de treino, permitir-lhe-ão sucessivamente um controlo e uma intencionalidade progressivos e consecutivamente o conhecimento dos pormenores da acção (Brito, 1995).

Castelo (1994) refere um conjunto de variáveis que determinam a qualidade e a rapidez de decisão táctico-técnica do jogador de futebol:

- Velocidade do jogo, limitando o tempo disponível para a tomada de decisão adequada e apropriada à situação;
- Qualidade de observação do jogador – percepção da informação pertinente acompanhada por uma antecipação mental contínua do jogo;
- Fundamentos reais dos acontecimentos e das experiências dos jogadores;
- Memória – memorização dos problemas teóricos e práticos resolvidos de forma activa;
- Solução associativa dos problemas táctico-técnicos – capacidade de estabelecer uma associação mental entre a situação percebida e a solução correspondente;
- Rapidez de reconhecimento das invariantes de uma situação de jogo – discriminar o que há em comum nos numerosos problemas, com o objectivo de identificar soluções;
- Factores emotivo-psicológicos – a vontade, a motivação, o nível de inspiração. Diferenças individuais exercem sobre a solução mental uma influência por vezes decisiva.

Para Garganta (1999), um requisito importante para que os jogadores ultrapassem eficazmente os sistemas defensivos cada vez mais pressionantes, característicos do futebol actual é a rapidez no processamento da informação, sendo

que, para responder a uma situação de jogo com acções adequadas, é necessário, primeiro, analisá-las (Sonneschein, 1991, cit. por Greco & Souza, 1999).

2.3- O Jovem Jogador e o Ensino de Futebol

Nos Jogos Desportivos Colectivos, em geral e no Futebol, em particular, o importante é que o jogador entenda o jogo, e aprenda a pensá-lo e sistematicamente e tal só se consegue treinando e exercitando de um modo adequado.

Segundo Durand (1987; citado por Tavares, 1993), “acriança é geralmente descrita como um sistema de processamento menos eficaz que o adulto, gastando mais tempo e tratando menos informações de cada vez. Estas dificuldades encontram-se relacionadas sobretudo com as etapas de identificação e selecção da resposta, isto é, as etapas mais implicadas na tomada de decisão (Nougier, 1992; citado por Tavares, 1993). “Os peritos são capazes de processar uma maior quantidade de dados, muito simplesmente porque têm uma vantagem nítida no acesso a uma quantidade maior de informação em virtude de esta estar melhor organizada e mais disponível para uma busca eficiente (Pinto, 1995). Segundo Tavares (1993), o jogador mais experiente retira do meio envolvente apenas as informações pertinentes à tomada de decisão.

Os estudos até agora constatados sugerem um ensino do jogo baseado na sua compreensão, preconizando a aquisição de conhecimentos tácticos desde a iniciação, promove a aprendizagem e abordagem das técnicas condicionadas às situações que surgem no jogo (Mitchell, 1996).

Segundo Greco (1988 e 1999) e Aguilà (1990) ao optar-se por um modelo de treino mais centrado nos aspectos tácticos, direccionamos mais a aprendizagem para uma adaptação inteligente dos elementos técnicos na situação de jogo, o que, na opinião de Greco (1989), condiciona positivamente o desenvolvimento das capacidades cognitivas (percepção, antecipação e tomada de decisão). Segundo Garganta (1999), não importa desenvolver as capacidades absolutas máximas, mas as capacidades relativas-optimais que permitam que o jogador seja mais eficaz em relação às configurações de jogo com que se depara.

Greco (1988) refere a importância de formar “jogadores inteligentes”, com capacidade de decisão própria, dotados de recursos, experiências e conhecimentos para solucionar diferentes situações de jogo, formando “jogadores, não repetidores”.

Segundo Ferreira (1982), e tendo em conta o intervalo de idades em que se encontram os indivíduos que compuseram a amostra deste estudo (12-14), estes encontram-se numa etapa de pré-especialização, onde o treino não deve constituir uma forma de obter rendimentos máximos, respeitando as leis do crescimento e desenvolvimento da criança, elevando o número de repetições dos exercícios técnico-tácticos, aumentando progressivamente a velocidade na execução das acções técnico-tácticas individuais e colectivas, promovendo-se situações reduzidas com oposição e acções técnico-tácticas combinadas (com e sem oposição).

Os atletas que participaram neste estudo encontram-se, segundo Mladenov (1984), numa etapa de Formação e Especialização, em que se torna fundamental transmitir espírito de equipa, humildade e ambição, aplicando-se uma metodologia de treino programada em termos físicos, técnicos e psicológicos, proporcionando-se boas condições de trabalho e regulamentação para todos os aspectos. Garganta (1986) refere que os objectivos da etapa Especialização Inicial de Base (10-14/15 anos) passam pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento dos pressupostos para a prestação desportiva, introduzindo-se os elementos que condicionam de forma directa o rendimento.

Para Ritschard (1987), os jovens futebolistas atravessam a etapa de aperfeiçoamento (12 a 15 anos), de consolidação, e tentam atingir a fixação e assimilação de processos e acções técnicas. A etapa de iniciação (12,13 e 14 anos) caracteriza-se, segundo Torrelles e Alcaraz (1996) pelo início do treino para conhecer e desenvolver as acções e situações básicas do Futebol, tendo como objectivo a iniciação à especialização. Os exercícios aplicados nos treinos devem visar, segundo este autor, a recuperação, a posse de bola, a progressão, o remate e a colocação no espaço.

CAPITULO III

Metodologia

3.1- Construção do Instrumento

Tendo em vista a concretização do objectivo principal deste estudo, iniciámos a construção do instrumento, recolhendo todas as soluções possíveis para o jogador em posse de bola e jogador sem posse de bola (sendo os dois jogadores da mesma equipa) em situação de transição defesa-ataque, dividindo-se o campo em três partes iguais no comprimento (1º, 2º e 3º terços) e definindo-se corredores laterais e corredor central, através da aplicação de questionários a treinadores e licenciados pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Tendo recolhido um número significativo de opções de resposta, procedeu-se a uma triagem determinado cinco soluções possíveis para cada situação específica. Definimos, assim, que para cada zona do campo (ex: corredor central do primeiro terço do campo) a amostra deparava-se com quatro situações:

- Jogador em posse de bola com pressão defensiva,
- Jogador em posse de bola com contenção defensiva,
- Jogador sem posse de bola com marcação,
- Jogador sem posse de bola sem marcação.

Desta forma, determinámos 24 situações específicas em transição defesa-ataque (seis zonas do campo – cada uma com quatro situações). A cada problema correspondiam cinco possíveis soluções.

Tendo definidas todas as soluções (120 – para cada uma das 24 situações haviam 5 soluções possíveis) partimos para a representação real dessas soluções no campo, através da participação de 14 jovens futebolistas em três dias, e respectiva gravação de imagem e som dessas situações. Desta forma, realizou-se a gravação, no formato de vídeo, das opções de resposta a quatro situações específicas em cada uma das seis zonas do campo (corredor central do primeiro terço do campo, corredores laterais do primeiro terço do campo, corredor central do segundo terço do campo, corredores laterais do

segundo terço do campo, corredor central do terceiro terço do campo, corredores laterais do terceiro terço do campo) em situação de transição defesa-ataque. No momento em que um jogador de uma determinada equipa procede à recuperação da posse de bola inicia-se a transição. A primeira situação diz respeito à acção/movimento que o atleta com a posse de bola deve realizar com pressão defensiva. A segunda situação refere-se ao mesmo jogador mas com a equipa adversária em contenção defensiva. A terceira situação diz respeito ao movimento que um atleta (da equipa em situação de transição defesa-ataque) sem a posse de bola deve realizar para proporcionar uma linha de passe ao elemento com a posse de bola e com marcação por parte de um adversário. Estamos perante a última situação quando o mesmo sujeito da terceira situação se encontra sem marcação.

Após a recolha das filmagens das 120 soluções, procedemos à produção e edição de um DVD, determinando-se um tempo de identificação das opções correctas de sete segundos após a visualização das cinco possíveis soluções.

O instrumento ficou concluído com a elaboração de uma ficha de registo individual, uma para treinadores e outra para jogadores.

3.2- Amostra

Decorrente da realização deste estudo e após a construção do instrumento, definimos uma amostra de 130 atletas de sete equipas do escalão sub-15 (13, 14 e 15 anos) do campeonato distrital de Viseu.

Quadro 1: Composição da Amostra.

Equipa	Número de Atletas
A	19
B	15
C	17
D	17
E	23
F	23
G	16
TOTAL	130

3.3- Material e Métodos

Para ser possível a efectivação deste estudo os seguintes instrumentos, aplicações e material:

- Portátil Toshiba
- Câmara de Filmar Sony DCR-SR77
- Projector Samsung
- Microsoft Office Word 2007
- Tela de apresentações
- SPSS v. 11.5 for Windows

Utilizámos um portátil, um projector e uma tela para procedermos à aplicação do instrumento, DVD, de forma a possibilitar as mesmas condições de realização aos atletas envolvidos no estudo.

3.3- Protocolo de Aplicação/Avaliação

A edificação do instrumento teve em conta um carácter ecológico, tentando ir de encontro ao “público-alvo”, os jovens futebolistas. Foram escolhidos participantes no vídeo de idades aproximadas aos jovens que fizeram parte da amostra, sendo as informações acessíveis e de rápida análise.

Para se proceder à exibição do DVD, preparámos, antecipadamente, o local disponibilizado pelos clubes, organizando o material necessário (computador portátil, projector, fichas de registo e canetas).

Como já foi referido, a cada uma das quatro situações correspondem cinco possibilidades de resposta, sendo que o que se pede aos sujeitos da amostra é que indiquem as duas mais correctas. A determinação das possibilidades de resposta mais

correctas é feita através de consulta da opinião dos treinadores das equipas envolvidas no estudo. Desta forma, através do cruzamento das informações fornecidas pelos treinadores (que visualizaram o vídeo e preencheram a ficha de registo), utilizando o programa SPSS com teste de frequência, determinou-se a grelha de correcção/de atribuição de pontos (as duas respostas mais correctas em cada situação).

Os jovens são avaliados visualizando as imagens, e indicando as duas respostas que, na opinião dos jovens, são as mais correctas. Se um sujeito acertou nas duas opções mais correctas obteve 2 pontos, se acertou em apenas uma obteve um ponto e se não acertou em qualquer uma das opções não obtém pontos. Assim, os valores relativos à qualidade da tomada de decisão irão variar entre os 0 pontos e os 48 pontos.

Para se poder aferir acerca da capacidade dos treinadores em identificar jovens talentos, vai se ter em conta a avaliação da qualidade dos jovens, tendo os treinadores de indicar na folha individual de registo dos atletas um valor (de 0 a 5) quantitativo respeitante à qualidade que cada um apresenta, sendo 0 o mais baixo e 5 o valor mais elevado, verificando-se existe convergência entre a opinião do treinador e os resultados obtidos decorrentes da aplicação do instrumento.

3.4-Análise dos Dados/Tratamento estatístico

Após inserirmos os dados no programa SPSS e procedermos à aplicação do respectivo tratamento estatístico foi possível construirmos tabelas representativas dos valores obtidos pelos atletas, representando a influência dos anos de prática, da prática de outras modalidades desportivas, da selecção distrital, do volume de treino, da visualização de jogos na T. V. e da posição desempenhada em campo na qualidade de tomada de decisão.

Pretendemos com a peritagem realizada tentar vincular a experiência e conhecimento analítico do jogo e treino dos atletas com as ideias dos seus treinadores, evitando padronizar o instrumento e procurando ir de encontro à realidade dos jovens futebolistas.

Quadro 2: Caracterização dos Treinadores/Peritos

Treinador	Clube	Idade (anos)	Épocas como Treinador
1	A	43	14
2	B	30	6
3	C	40	6
4	E	41	10
5	F	32	4
6	F	41	3
7	G	33	8

No quadro anterior apresentamos o perfil dos sete peritos/treinadores colaboradores neste estudo. Podemos verificar que, independentemente da idade, todos eles apresentam experiências em épocas anteriores como treinadores da formação em Futebol, sendo que dois deles já desempenham essas funções há mais de uma década.

CAPITULO IV

Apresentação dos Resultados

4.1- Efeito da prática na qualidade da tomada de decisão

Tabela 1: Influência dos anos de prática na qualidade de tomada de decisão

Variáveis	≤ 3 anos	> 3 anos	t	p
	(n= 62)	(n= 68)		
	$\bar{x} \pm dp$	$\bar{x} \pm dp$		
Primeiro terço do campo Corredor central	3,6 ± 1,1	3,8 ± 1,1	- 0,964	n. s.
Primeiro terço do campo Corredores laterais	3,5 ± 1,2	3,3 ± 1,1	1,335	n. s.
Segundo terço do campo Corredor central	4,1 ± 1,6	4,7 ± 1,3	- 2,655	**
Segundo terço do campo Corredores laterais	3,6 ± 1,0	3,1 ± 1,2	2,272	*
Terceiro terço do campo Corredor central	3,9 ± 1,2	4,0 ± 1,3	- 0,573	n. s.
Terceiro terço do campo Corredores laterais	4,4 ± 1,2	4,8 ± 1,1	- 1,695	n. s.
TOTAL da amostra	23,1 ± 3,3	23,7 ± 4,1	- 0,931	n. s.

* (p ≤ 0,05)

** (p ≤ 0,01)

Na Tabela 1 podemos observar a influência exercida pelos anos de prática da modalidade desportiva na qualidade de tomada de decisão. Podemos verificar nesta tabela dois grupos distintos: os que praticam futebol há menos de três anos (inclusive); e os que praticam futebol há mais de três anos. Verificam-se diferenças estatisticamente significativas apenas no corredor central e nos corredores laterais do segundo terço do campo.

Tabela 2: A prática de outras modalidades e a qualidade de tomada de decisão

Variáveis	Futebol não é a primeira prática (n= 21)	Futebol como única prática (n= 109)	t	p
	$\bar{x} \pm dp$	$\bar{x} \pm dp$		
Primeiro terço do campo Corredor central	3,7 ± 1,2	3,7 ± 1,1	- 0,047	n. s.
Primeiro terço do campo Corredores laterais	3,8 ± 1,1	3,3 ± 1,1	1,841	n. s.
Segundo terço do campo Corredor central	4,5 ± 1,7	4,4 ± 1,4	0,367	n. s.
Segundo terço do campo Corredores laterais	3,2 ± 1,0	3,3 ± 1,2	- 0,340	n. s.
Terceiro terço do campo Corredor central	3,8 ± 1,2	4,0 ± 1,3	- 0,637	n. s.
Terceiro terço do campo Corredores laterais	4,1 ± 1,2	4,7 ± 1,1	- 2,490	*
TOTAL da amostra	23,1 ± 3,1	23,4 ± 3,9	- 0,386	n. s.

* (p ≤ 0,05) ** (p ≤ 0,01)

Na Tabela 2 podemos observar a influência exercida pela prática de outras modalidades desportivas, para além do Futebol, na qualidade de tomada de decisão. Podemos verificar nesta tabela dois grupos distintos: os que praticam e praticaram apenas futebol nas suas carreiras desportivas; e os que praticaram outras modalidades desportivas, para além de futebol, nas suas carreiras desportivas. Verificam-se diferenças estatisticamente significativas apenas nos corredores laterais do terceiro terço do campo.

Tabela 3: Influência do volume anual de treino na qualidade de tomada de decisão

Variáveis	≤ 2400 min. (n= 82)	> 2400 min. (n= 48)	t	p
	$\bar{x} \pm dp$	$\bar{x} \pm dp$		
Primeiro terço do campo Corredor central	3,7 ± 1,1	3,6 ± 1,1	0,918	n. s.
Primeiro terço do campo Corredores laterais	3,4 ± 1,2	3,3 ± 1,0	0,448	n. s.
Segundo terço do campo Corredor central	4,7 ± 1,5	4,0 ± 1,3	2,380	*
Segundo terço do campo Corredores laterais	3,4 ± 1,1	3,2 ± 1,1	1,145	n. s.
Terceiro terço do campo Corredor central	3,9 ± 1,3	4,0 ± 1,2	- 0,359	n. s.
Terceiro terço do campo Corredores laterais	4,7 ± 1,2	4,5 ± 1,0	1,021	n. s.
TOTAL	23,9 ± 3,7	22,6 ± 3,7	1,886	n. s.

* (p ≤ 0,05) ** (p ≤ 0,01)

Na Tabela 3 podemos observar a influência exercida pelo volume anual de treino na qualidade de tomada de decisão. Podemos verificar nesta tabela dois grupos distintos: os que estão sujeitos a um volume anual de treino inferior a 2400 minutos (inclusive); e os que estão sujeitos a um volume anual de treino superior a 2400 minutos. Verificam-se diferenças estatisticamente significativas apenas no corredor central do segundo terço do campo.

4.2- Efeito da visualização de jogos na qualidade da tomada de decisão

Tabela 4: Influência da visualização de jogos na T. V. na qualidade de tomada de decisão

Variáveis	≤ 2 jogos (n= 55)	> 2 jogos (n= 75)	T	p
	$\bar{x} \pm dp$	$\bar{x} \pm dp$		
Primeiro terço do campo Corredor central	3,8 ± 1,2	3,6 ± 1,0	1,438	n. s.
Primeiro terço do campo Corredores laterais	3,3 ± 1,1	3,4 ± 1,2	- 0,553	n. s.
Segundo terço do campo Corredor central	3,6 ± 1,7	4,3 ± 1,3	0,862	n. s.
Segundo terço do campo Corredores laterais	3,3 ± 1,2	3,4 ± 1,1	- 0,522	n. s.
Terceiro terço do campo Corredor central	4,2 ± 1,2	3,8 ± 1,3	1,380	n. s.
Terceiro terço do campo Corredores laterais	4,6 ± 1,3	4,6 ± 1,1	0,023	n. s.
TOTAL	23,7 ± 3,7	23,1 ± 3,8	0,893	n. s.

* (p ≤ 0,05) ** (p ≤ 0,01)

Na Tabela 4 podemos observar a influência que a quantidade de jogos visualizados na T. V. exerce na qualidade de tomada de decisão. Podemos verificar nesta tabela dois grupos distintos: os que visualizam menos de dois jogos (inclusive) na televisão; e os que visualizam mais de dois jogos na televisão. Não se verificam diferenças estatisticamente significativas em qualquer uma das zonas do campo e na sua globalidade.

4.3- Efeito da posição no campo na qualidade da tomada de decisão

Tabela 5: Influência da posição no campo na qualidade da tomada de decisão

Variáveis	GR	Defesa	Médio	Avançado	F	p
	(n= 13)	(n= 57)	(n= 33)	(n= 27)		
	$\bar{x} \pm dp$	$\bar{x} \pm dp$	$\bar{x} \pm dp$	$\bar{x} \pm dp$		
Primeiro terço do campo - C. central	3,9 ± 1,2	3,7 ± 1,2	3,8 ± 1,0	3,7 ± 1,1	0,417	n. s.
Primeiro terço do campo - C. laterais	3,6 ± 1,1	3,3 ± 1,1	3,6 ± 1,1	3,4 ± 1,1	0,896	n. s.
Segundo terço do campo - C. central	4,3 ± 1,8	4,4 ± 1,5	4,5 ± 1,5	4,5 ± 1,3	0,126	n. s.
Segundo terço do campo - C. laterais	3,7 ± 0,9	3,2 ± 1,1	3,6 ± 1,1	3,0 ± 1,2	1,794	n. s.
Terceiro terço do campo - C. central	4,2 ± 1,1	4,0 ± 1,4	4,1 ± 1,3	3,8 ± 1,0	0,359	n. s.
Terceiro terço do campo - C. laterais	5,1 ± 1,0	4,7 ± 1,2	4,5 ± 1,1	4,5 ± 1,2	0,969	n. s.
TOTAL	24,6 ± 3,0	23,1 ± 4,0	24,0 ± 3,8	22,6 ± 3,3	1,341	n. s.

* ($p \leq 0,05$)

** ($p \leq 0,01$)

Na Tabela 5 podemos observar a influência que a posição que cada jogador ocupa em campo exerce na qualidade de tomada de decisão. Podemos verificar nesta tabela quatro grupos distintos: Guarda-Redes; Defesas; Médios; e Avançados. Não se verificam diferenças estatisticamente significativas em qualquer uma das zonas do campo e na sua globalidade.

4.4- Efeito da selecção desportiva na qualidade da tomada de decisão

Tabela 6: Influência da selecção desportiva na qualidade da tomada de decisão

Variáveis	Convocado	Não Convocado	T	p
	(n= 26)	(n= 104)		
	$\bar{x} \pm dp$	$\bar{x} \pm dp$		
Primeiro terço do campo Corredor central	3,8 ± 1,1	3,7 ± 1,1	0,483	n. s.
Primeiro terço do campo Corredores laterais	3,5 ± 1,0	3,4 ± 1,2	0,344	n. s.
Segundo terço do campo Corredor central	5,0 ± 1,4	4,3 ± 1,5	2,460	*
Segundo terço do campo Corredores laterais	2,9 ± 1,1	3,4 ± 1,1	- 1,994	*
Terceiro terço do campo Corredor central	4,0 ± 1,3	4,0 ± 1,3	0,140	n. s.
Terceiro terço do campo Corredores laterais	4,8 ± 1,1	4,6 ± 1,2	0,752	n. s.
TOTAL	24,0 ± 4,0	23,2 ± 3,7	0,878	n. s.

* ($p \leq 0,05$)

** ($p \leq 0,01$)

Na Tabela 6 podemos observar as diferenças entre equipas locais e elite distrital ao nível da qualidade de tomada de decisão. Podemos verificar nesta tabela dois grupos distintos: os que foram convocados pelo menos uma vez para uma concentração da selecção distrital de Viseu na época desportiva 2009/2010; e os que não foram convocados. Verificam-se diferenças estatisticamente significativas apenas no corredor central e nos corredores laterais do segundo terço do campo.

CAPITULO V

Discussão dos Resultados

5.1- Efeito da prática na qualidade da tomada de decisão

Após a observação da tabela relativa aos anos de prática, verificámos que, na globalidade, os anos de prática do Futebol não influenciam a qualidade de tomada de decisão dos jogadores, isto é, não existem diferenças estatisticamente significativas relativas à tomada de decisão entre atletas com mais de três anos de prática de Futebol e atletas com uma prática inferior a três anos (inclusive). Os jovens atletas com mais anos de prática apresentaram, contudo, resultados ligeiramente superiores.

Apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas, o resultado obtido vai de encontro com os resultados obtidos num estudo realizado por Tavares (1993), no qual procurou descrever a capacidade táctica do jogador de basquetebol, comparando os processos perceptivo-cognitivos de jogadores seniores e cadetes. Neste estudo, verificou que os atletas mais experientes eram mais rápidos e correctos a escolher a resposta adequada. Num estudo realizado por Silva (2006), com jogadores de Hóquei em Patins, os resultados obtidos também seguem semelhante direcção.

Partindo para uma análise relativa aos resultados obtidos pelos jogadores nas diferentes zonas do campo, podemos observar que só existem diferenças estatisticamente significativas no segundo terço do campo. Os jogadores com mais de três anos de prática apresentam resultados superiores na zona central, mas não conseguiram melhores resultados que os atletas com uma prática inferior a três anos (inclusive) nos corredores laterais do segundo terço do campo.

Os resultados parecem ser mais concretos nas zonas centrais do campo, sendo possível verificar um decréscimo das pontuações nos corredores laterais dos dois primeiros terços do campo. Sendo a zona central do segundo terço do campo o local onde os jogadores são sujeitos ao maior número de problemas e consequente elaboração de respostas, parece claro que é o contacto com o jogo e com o treino, a experiência, que levará a um incremento da qualidade da tomada de decisão.

Através da observação da tabela relativa à prática de outras modalidades desportivas, foi possível verificar que a prática de outras modalidades desportivas não influencia a qualidade de tomada de decisão dos jogadores, isto é, não existem diferenças estatisticamente significativas relativas à tomada de decisão entre atletas que praticaram mais de que uma modalidade desportiva e atletas que praticaram apenas uma modalidade desportiva (Futebol). Os jovens futebolistas que apenas praticaram uma modalidade desportiva apresentaram resultados ligeiramente superiores.

Os atletas que apenas praticam e praticaram uma modalidade desportiva, Futebol, apresentam, muito provavelmente um conhecimento declarativo do jogo e uma qualidade de tomada de decisão mais elevados devido ao vínculo estabelecido com a modalidade, isto é, uma prática de Futebol mais duradoura. Correia (2000) verificou que a qualidade da decisão tático-técnica tende a ser superior à medida que os jogadores vão possuindo um maior número de anos de prática federada na modalidade.

Os resultados obtidos mostraram-nos também que é nos corredores laterais do terceiro terço do campo que despontam diferenças estatisticamente significativas, revelando os atletas que praticaram apenas uma modalidade desportiva uma melhor qualidade na tomada de decisão.

Os resultados parciais obtidos nas diferentes zonas do campo vão de encontro aos obtidos na Tabela 1, isto é, à excepção do terceiro terço do campo, os atletas apresentam valores superiores nos corredores centrais e menos elevados nos corredores laterais.

A tabela 3, que diz respeito ao volume de treino anual, mostrou-nos uma diferença considerável ao nível da tomada de decisão, apesar de não ser estatisticamente significativa, entre atletas expostos a um volume de treino anual superior a 2400 minutos e atletas expostos a um volume de treino anual inferior a 2400 minutos (inclusive). Os atletas expostos a um volume de treino anual inferior apresentaram, contudo, valores superiores relativos à qualidade de tomada de decisão.

Estes resultados podem ser explicados pelo conteúdo dos treinos dos jovens atletas. Silva (1998) verificou que apenas 12% das jogadas realizadas durante as acções ofensivas apresentaram características semelhantes às situações trabalhadas no treino, e que em 65% dos casos ocorreram situações distintas das que foram treinadas.

Ramos (2003) verificou que a percentagem de tempo semanal atribuído aos exercícios complementares gerais (sem bola) correspondia a 36%, que aumentava para 51% se se considerassem os exercícios com e sem oposição (complementares), mas sem incluírem o remate à baliza. Os exercícios essenciais de nível III (G.R. + 1 × 1 + G.R. até G.R. + 11 × 11 + G.R.) ocuparam 38% do volume de treino semanal e as formas de exercício com e sem oposição, direccionadas para uma baliza não ultrapassaram os 9% do tempo de treino.

Ao analisarmos os resultados obtidos nas diferentes zonas do campo, podemos verificar que é apenas no corredor central do segundo terço do campo que existem diferenças estatisticamente significativas, sendo novamente os atletas expostos a um volume de treino anual inferior a apresentar valores mais elevados.

Os resultados obtidos vão de encontro aos obtidos nas Tabelas anteriores, isto é, à excepção do terceiro terço do campo, é nos corredores centrais que os resultados são mais elevados.

5.2- Efeito da visualização de jogos na qualidade da tomada de decisão

Segundo os resultados obtidos e revelados na Tabela 4, o número de jogos visualizados na T. V. não influencia a qualidade da tomada de decisão dos jovens futebolistas, isto é, não existem diferenças estatisticamente significativas relativamente à tomada de decisão entre atletas que assistem na T. V. a mais de dois jogos e atletas que vêm menos de dois jogos (inclusive).

Os futebolistas que assistem na T. V. a um menor número de jogos apresentam valores superiores em detrimento dos que assistem a um maior número de jogos, no que à qualidade da tomada de decisão diz respeito.

Podemos verificar vantagens por parte dos jovens que assistem a menos jogos na T. V. na maior parte das zonas do campo (a única excepção são os corredores laterais do segundo terço do campo). Os resultados obtidos no corredor central mais elevados do que os obtidos nos corredores laterais, à excepção do terceiro terço do campo.

Tendo por base a perspectiva enquanto treinadores, podemos afirmar que os resultados, apesar de não revelarem diferenças significativas, apontam para conclusões um pouco surpreendentes, mas decifráveis. Ao incentivarmos um jovem futebolista a assistir a jogos através da T. V. ou num estádio de futebol, procuramos que os atletas busquem uma selecção de atitudes, acções e comportamentos com resultado efectivo e positivo, isto é, que contribuíssem para o sucesso ofensivo e/ou defensivo da equipa na situação de jogo em que foram aplicados. Contudo, estes jovens atletas centram o seu foco atencional na dimensão técnica, na qualidade do gesto ou acção, no “como?” (é que foi feita a acção ou gesto desportivo) e não no “porquê?”. Deste modo, os atletas irão procurar em situação de treino e em jogo a aplicação análoga de um gesto técnico, ao invés de tentar perceber quando é que esse gesto técnico contribui para efectivação com sucesso de uma situação específica de jogo.

5.3- Efeito da posição no campo na qualidade da tomada de decisão

Procedendo a uma análise dos resultados obtidos pelos atletas, tendo em conta a posição que ocupam em campo (tabela 5), deparamo-nos com diferenças relativas à qualidade da tomada de decisão, contudo, os dados indicam-nos que estas não são estatisticamente significativas entre jovens futebolistas que ocupam posições diferentes no campo (guarda-redes, defesa, médio e avançado).

Importa referir que os guarda-redes apresentam os valores mais elevados e os avançados apresentam os valores mais baixos. É possível verificar que os avançados

apresentam valores inferiores na maior parte das zonas do campo, inclusive no corredor central do terceiro terço do campo, zona em que mais intervêm.

Podemos observar ainda que nas zonas mais frequentes de intervenção, os guarda-redes e os médios apresentam valores superiores, isto é, no corredor central do primeiro terço do campo os guarda-redes conseguiram os resultados mais elevados, enquanto no corredor central do segundo terço do campo foram os médios a apresentar os melhores resultados.

Garganta e Fonseca (2002), num estudo com futebolistas juvenis de diferente nível de rendimento, verificaram que os guarda-redes e os defesas centrais mostram um melhor conhecimento declarativo sobre decisões a tomar na fase ofensiva do jogo. Verificaram também que os avançados são os jogadores que mais erram. Estas conclusões vão de encontro com os resultados por nós obtidos, visto, estarem, de forma algo surpreendente, os guarda-redes (melhores) e os avançados (piores) em pólos opostos ao nível da qualidade de tomada de decisão.

No estudo elaborado por Silva (2000), são os defesas e os médios a apresentarem os melhores resultados, obtendo os guarda-redes resultados satisfatórios, mas são novamente os avançados a mostrarem uma qualidade de tomada de decisão menos elevada.

Os resultados obtidos por Miragaia (2001), quando estudou o conhecimento declarativo e a tomada de decisão no Futebol, não divergem muito dos apresentados até aqui, isto é, os guarda-redes, defesas e médios apresentam resultados similares e mais elevados, e são novamente os avançados a demonstrarem mais erros ao nível da tomada de decisão.

5.4- Efeito da selecção desportiva na qualidade da tomada de decisão

Na Tabela 6 podemos observar as diferenças obtidas entre a elite distrital e as equipas locais. É possível verificar, desta forma, que os jogadores que na época desportiva 2009/2010 foram convocados pelo menos uma vez para representar a selecção distrital de Viseu, apresentam resultados ligeiramente superiores aos atletas que não forma convocados, apesar de não se verificarem diferenças estatisticamente significativas.

As diferenças reveladas nesta Tabela são significativas apenas no segundo terço do campo, sendo que no corredor central os valores são mais elevados para os atletas de elite distrital, enquanto que nos corredores laterais do segundo terço do campo, são os atletas de equipas locais que apresentam valores superiores.

A tendência dos resultados obtidos nas Tabelas anteriores mantém-se também nos resultados obtidos na Tabela 6, sendo os resultados obtidos no corredor central mais elevados do que os obtidos nos corredores laterais, à exceção do terceiro terço do campo.

Segundo Araújo (2005), “os resultados dos estudos convergem para a conclusão geral de que, comparativamente aos outros jogadores, os peritos possuem um conhecimento mais extenso e mais estruturado e discriminam melhor a informação armazenada na memória de longo prazo”.

Brito e Maças (1998) verificaram que os melhores jogadores, apesar de serem mais lentos a responder, tomavam decisões consideradas mais adequadas, ao passo que Miragaia (2001) concluiu que os melhores jogadores apresentavam os melhores resultados no âmbito da tomada de decisão, situação confirmada por Garganta et al (2002) e por Silva (2006).

CAPITULO VI

Conclusões

Neste estudo pretendemos avaliar a qualidade da tomada de decisão no Futebol, nomeadamente no momento de transição defesa-ataque, através da construção de um instrumento de análise, um vídeo (DVD) constituído por 24 acções ofensivas com 5 opções de resposta cada. Para o efeito, analisou-se a variação dos indicadores relativos à tomada de decisão, agrupando-os por anos de prática, prática de outras modalidades, volume anual de treino, visualização de jogos na T. V., posição ocupada em campo e elite distrital e equipa local.

O presente estudo permite-nos elaborar o seguinte quadro de limitações:

- O conjunto de peritos que estabeleceram o conjunto de soluções correctas no instrumento era composto pelos treinadores dos atletas que compuseram a amostra deste estudo (não há padronização das opções mais correctas).
- A aplicação do instrumento decorreu de uma forma colectiva, e não individual, o que pode ter levado a uma selecção das respostas dos jovens futebolistas por concordância.
- A adequação da resposta foi o objectivo central deste estudo, não se tendo em consideração o tempo de decisão.

Da análise dos resultados emergem as seguintes conclusões:

- Não existe uma influência decisiva da prática na qualidade de tomada de decisão, isto é, jogadores com níveis de prática distintos não apresentam resultados muito diferentes.

- Tendo em conta os anos de prática, podemos afirmar que os jogadores mais experientes apresentam uma qualidade de tomada de decisão ligeiramente superior.
- Abordando a prática de outras modalidades desportivas verificámos que os atletas que apenas praticaram e praticam Futebol apresentam níveis de tomada de decisão ligeiramente superiores.
- O cruzamento da informação relativa à tomada de decisão e ao volume anual de treino permite-nos afirmar que os jogadores expostos a um volume de treino inferior apresentam os melhores resultados relativos à tomada de decisão.
- A visualização de jogos de Futebol na T. V. não contribui para o desenvolvimento das capacidades decisórias, ou seja, verificámos que os atletas que visualizam um menor número de jogos demonstram ter uma melhor tomada de decisão.
- A posição que um jogador ocupa em campo não é um factor de diferenciação significativo da tomada de decisão, mas podemos afirmar que os guarda-redes apresentam uma tomada de decisão mais efectiva, enquanto os avançados revelam maiores dificuldades a identificar as respostas mais correctas.
- O processo de selecção tem em conta a qualidade da tomada de decisão, isto é, os jogadores convocados na época desportiva 2009/2010 para representar a selecção distrital apresentam capacidades decisórias mais desenvolvidas, apesar de as diferenças não serem significativas.

Sugestões para pesquisas futuras:

- Validação do instrumento construído neste estudo, promovendo uma padronização das opções de resposta mais correctas recorrendo a peritos especializados em treino desportivo e mais especificamente em Futebol, para possível descoberta de jovens talentos.

- Aplicar um estudo longitudinal no âmbito da tomada de decisão, verificando os efeitos efectivos do treino, da experiência pela prática e a influência dos treinadores na qualidade de tomada de decisão.
- Avaliar a qualidade de tomada de decisão em jovens futebolistas tendo em consideração a variável género.

Referências Bibliográficas

Aguillà, G.L; Pérez, G.; Solanas, A. & Renom, J. (1990): Aproximación a una propuesta de aprendizaje de los elementos tácticos individuales en los deportes de equipo. *Apunts: Educado Física i Esportes*, 24:59 - 68.

Alves, J. & Araújo, D. (1996). Processamento da informação e tomada de decisão no desporto. In J. Cruz (Ed) *Manual de Psicologia do Desporto* (pp. 361-388). Braga: S.H.O., Lda.

Araújo, D. (2005). A acção táctica no desporto: uma perspectiva geral. In Araújo, D. (Ed.), *O contexto da decisão – A acção táctica no desporto* (pp. 21-33). Lisboa: Visão e Contextos, Lda.

Araújo, D. Volossovitch, A. (2005). Fundamentos para o treino da tomada de decisão: uma aplicação ao andebol. In D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão – A acção táctica no desporto* (pp.75-97). Lisboa: Visão e Contextos, Lda.

Arnold, H. & Marvel, W. (1989). *Iniciação ao futebol*. Editorial presença

Bangsbo J., Franks A., Reilly T. (2000) Physical and metabolic demands of training and match-play in the elite football player. *Journal of Sports Sciences*, Vol. 24, 665-674

Brito, J. (1995). A decisão técnico-táctica no jogador de Futebol. Estudo comparativo dos processos perceptivos-cognitivos inerentes à decisão técnico-táctica em sujeitos dos 12 aos 18 anos, federados e não federados, em Futebol. *Monografia de Licenciatura não publicada*. UTAD, Vila Real.

Brito, J. J. & Maças, V. (1998). A decisão técnico-táctica no jogador de futebol. *Horizonte - Revista de Educação Física e Desporto*, XTV n° 81. (Janeiro - Fevereiro), pp: 12-16.

Castelo, J. (1994). *Modelo técnico-táctico do jogo*. Edições FMH, Universidade Técnica de Lisboa.

Castelo, J. (1996). *Futebol a organização de jogo. Como entender a organização dinâmica de uma equipa de futebol*. Edições do autor.

Castelo, J. (2002). *O exercício de treino desportivo*. Edições FMH, Universidade Técnica de Lisboa.

Castelo, J. (2003). *Guia prático de exercício de treino*. Edições FMH, Universidade Técnica de Lisboa.

Castelo, J. (2004). *A organização dinâmica de jogo*. Edições FMH, Universidade Técnica de Lisboa.

Correia, P. (2000): A decisão táctico-técnica em Futebol. Estudo comparativo dos processos Perceptivo-cognitivos inerentes à decisão táctico-técnica em Futebolistas federados dos 8 aos 18 anos de diferentes estatutos posicionais e anos de prática. *Monografia de Licenciatura não publicada*. FCDEF-UP.

Costa, E. (2009). Conhecimentos, Concepções e Crenças sobre Treino de Jovens dos Treinadores da Academia do Sporting Clube de Portugal. *Dissertação de Mestrado não publicada*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Costa, J. (2001). Inteligência geral e conhecimento específico no Futebol: Estudo comparativo sobre a inteligência geral e o conhecimento específico em jovens futebolistas federados de diferentes níveis competitivos. *Dissertação de Mestrado não publicada*. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.

Costa, J., Garganta, J., Fonseca, A., Botelho, M. (2002). Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2002, vol. 2, nº 4 [7-20].

Di Salvo V., Baron R., Tschan H., Calderon Montero F. J., Bachl N., Pigozzi F. (2007) Performance characteristics according to playing position in elite soccer. *International Journal of Sports Medicine*, Vol. 28, 222-227

Ferreira, J. & Queiroz, C. (1982). Futebol – da formação à alta competição. *Ludens*, 3 (6), 65 – 73.

Fradua, L. (1997). *La vision de juego en el futbolista*. Editorial Paidotribo.

Garganta, J. (1986). Aspectos da Preparação do Jovem Futebolista. *Horizonte – Revista de Educação Física e Desporto*, III (15).

Garganta, J. (1995). Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In A. Graça e J. Oliveira (Eds.), *O ensino dos jogos desportivos* (pp. 11-25), 2ª ed. Porto: CEJD – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, da Universidade do Porto.

Garganta, J. (1997). Modelação táctica do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. *Dissertação de Doutoramento não publicada*. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J. (1999). O desenvolvimento da velocidade nos jogos desportivos colectivos. *Treino Desportivo*.

Garganta, J. (2002). Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. *Revista Digital*, 8(45). <http://www.efdeportes.com/>. [pesquisa efectuada em 28 de Março de 2010]

Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um futebol com pés... e cabeça. In D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão – A acção táctica no desporto* (pp. 179-190). Lisboa: Visão e Contextos, Lda.

Garganta, J. & Pinto J. (1994). O ensino do futebol. In *O ensino dos jogos desportivos*, pp: 97-137. A. Graça & J. Oliveira (Eds.). Centro de estudos dos jogos desportivos. FCDEF - UP, Porto.

Greco, P. (1988). Hándbal: La formación de jugadores inteligentes. *Stadium*, n" 128, pp:22-30.

Greco, P. (1989). Consideraciones psicopedagógicas del entrenamiento táctico. *Stadium*, n" 136, pp:14-19.

Greco, P. (1999). Cognição e Acção. In *Novos conceitos em treinamento esportivo*. CENESP – UFMG e INDD. Brasília.

Greco, P. (2008). Tomada de Decisão nos Jogos Esportivos Colectivos: O conhecimento táctico-técnico como eixo de um modelo de pêndulo. In Tavares, F.,

- Graça, A., Garganta, J., Mesquita, I. (Eds.). *Olhares e contextos da performance nos jogos desportivos*, pp. 149-155. FADE-UP.
- Greco, P. & Chagas, M. (1992). Considerações teóricas da tática nos jogos desportivos colectivos. *Paulista de Educação Física de S. Paulo*, n° 6 (2) Jul/Dez, pp: 47-58.
- Hughes, C. (1994). *The Football Association Coaching Book of Soccer Tactics and Skills*. British Broadcasting Corporation and Macdonald Queen Anne Press.
- Irureta, J. (2003). Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in nuestra entrevista del mês: entrevista de tática. *Revista Técnica Profesional – Training Fútbol*, 85, 14-18. Valladolid.
- Júlio, L. & Araújo, D. (2005). Abordagem dinâmica da acção tática no jogo de futebol. In D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão – A acção tática no desporto* (pp. 159-178). Lisboa: Visão e Contextos, Lda.
- Konzag, I. (1990). Attività cognitive e formazione dei giocatore. *Rivista di Cultura Sportiva*, n°20: pp: 14-20.
- Laguna, M. (2005). Adaptar o treino à natureza do desporto que se pratica. In D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão – A acção tática no desporto* (pp. 99-105). Lisboa: Visão e Contextos, Lda.
- Maçãs, V. (1997). Análise do Jogo em Futebol: Identificação e caracterização do processo ofensivo em selecções nacionais de futebol júnior. *Tese de Mestrado não publicada*. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa.
- Mahlo, F. (1980). *O acto tático em jogo*. Ed. Compendium, Lisboa.
- Mesquita, I. (2005). A contextualização do treino de Voleibol. In: *O contexto da decisão na acção tática no desporto*. Edição visão e Contextos. Lisboa.
- Miragaia, C. (2001). Conhecimento Declarativo e Tomada de Decisão em Futebol: Estudo comparativo da exactidão e do tempo de resposta de Futebolistas Seniores pertencentes a Equipas da I, II Liga e 2ª Divisão “B”. *Dissertação de Mestrado não publicada*. FCDEF-UP.

Mitchell, S. (1996). Tactical approaches to teaching games - Improving Invasion Game Performance. *JOPERD*, vol. 67,2:30-33.

Moreira, O. (2009). Decisão Tático-Técnica no Futebol: Estudo comparativo da capacidade de decisão em acções ofensivas de pontas-de-lança de diferentes níveis competitivos. *Tese de Licenciatura não publicada*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Mourinho, J. (2003). Entrevista a Jornal “A Bola” [pesquisa efectuada em 04/02/2003].

Oliveira, Bruno et al. (2006). *Mourinho: Porquê tantas Vitórias?*. Lisboa: Gradiva.

Oliveira, R. & Oudejans, R. (2005). A ligação entre percepção e acção no lançamento do basquetebol. In D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão – A acção tática no desporto* (pp. 355-378). Lisboa: Visão e Contextos, Lda.

Pinto, D. (1995). Indicadores de performance em basquetebol. *Dissertação de Mestrado não publicada*. FCDEF - UP, Porto.

Pires, B. (2009). A importância do Futebol de Rua na formação de jogadores de Futebol de excelência. *Tese de Licenciatura não publicada*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Queiroz, C. (2003). Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in nuestra entrevista del mês: entrevista de tática. *Revista Técnica Profesional – Training Fútbol*, 93, 8-17. Valladolid.

Ramos, F. (2003). *Futebol – Da “Rua” à Competição* (2ª ed.). Lisboa: Instituto de Desporto de Portugal.

Santos, P. (2006). O Planeamento e a Periodização do Treino em Futebol: Um estudo realizado em clubes da Superliga. *Dissertação de Mestrado não publicada*. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa.

Silva, A. (2009). Uma época de desafio: Conduzir ao Sucesso os Juniores A do Leixões Sport Club. *Dissertação de Mestrado não publicada*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Silva, E. (2007). Análise do Jogo em Futebol: Características do processo de transição defesa-ataque das sequências ofensivas com finalização. *Tese de Mestrado não publicada*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Silva, J. (1998). Os processos ofensivos no futebol – Estudo comparativo entre equipas masculinas de diferentes níveis competitivos. *Dissertação de Mestrado não publicada*. Porto: FCDEF-UP.

Silva, J. (2000). A importância dos indicadores do jogo na discriminação da vitória e derrota no Andebol. Provas de aptidão pedagógica e científicas não publicadas. Porto: FCDEF-UP.

Silva, J. (2008). Caracterização Técnico-Táctica de Jogos Reduzidos em Futebol: Avaliação do impacto produzido pela alteração das variáveis espaço e número de jogadores. *Tese de Mestrado não publicada*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Silva, R. (2006). A Tomada de Decisão no Hóquei em Patins: Estudo comparativo entre atletas da 1ª e da 2ª divisão, em situações de contra-ataque. *Tese de Licenciatura não publicada*. FADE-UP.

Soares, F. (2009). Análise comparativa da eficácia ofensiva entre as equipas do F. C. Porto e do F. C. Barcelona. *Tese de Licenciatura não publicada*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Sonnenschein, I. (1993). Psychologisches Training im Leistungssport. In: GABLER, H.; NITSCH, J.R.; SINGER, R. Einführung in die Sportpsychologie. Teil 2. Anwendungsfelder. Schorndorf. R.F. Alemanha, Hofmann. p.159-188.

Tavares, F. (1993): A capacidade de decisão tática no jogador de basquetebol. *Tese de Doutoramento não publicada*. FCDEF-UP.

Tavares, F. (1999a): A investigação da componente tática nos jogos desportivos. Conceitos e ilustrações. In *Estudos*, 2: 7-13. CEJD/FCDEF-UP. F. Tavares (Eds).

Tavares, F. (1999b). A tomada de decisão no desporto: descrição de um modelo operativo para a sua avaliação. In IPG – Departamento de Ciências do Desporto e Educação Física da Escola Superior de Educação. *Aprendizagem motora e tomada de*

decisão no desporto – actas da VI jornadas de Psicologia do Desporto (pp. 85-96).
Guarda: IPG.

Teodorescu, L. (1984). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos.*
Lisboa: Livros Horizonte.

Torrelles & Alcaraz (2003). *Escolas de Futebol – Manual para a organização e
treinamento.* Editora Artmed. Paraná.

Valdano, J. (2001). *Apuntes del balon.* Madrid: La Esfera de los Libros, S. L..

Vásquez, F. (2003). Entrevista a Jesús Cuadrado Pino in nuestra entrevista del mês:
entrevista de táctica. Revista Técnica Profesional – *Training Fútbol*, 92, 8-15.
Valladolid.

Vieira, J. (2003). Capacidade de decisão táctica em Futebol: Estudo da adequação e do
tempo de resposta em Selecções Nacionais presentes no Campeonato da Europa de Sub-
17 / 2003. *Tese de Mestrado não publicada.* Faculdade de Ciências do Desporto e
Educação Física. Universidade do Porto.

Weineck J (2002). *Manual do treino óptimo: Teoria de treino da fisiologia da
performance desportiva e do seu desenvolvimento no treino de crianças e de
adolescentes.* Lisboa: Instituto Piaget.

Wrzos, J. (1984). *Football: la tactique de l'attaque.* Brakel: Broodcoorens Michel.

Anexos

Ficha de Registo

1ª PARTE

Nome do **Atleta**: _____

Data: ___/___/___ Clube actual: _____

Data de Nascimento: ___/___/_____

Contando com a época que está a terminar, há quantas épocas pratica Futebol? _____

Número de treinos semanais: _____ Tempo de treino por sessão: _____

Posição em que joga normalmente: _____

Praticou outra modalidade desportiva colectiva anteriormente? _____ (Nº épocas)

Número de jogos semanais que assiste na televisão: _____

Representou a A.F.V. esta época desportiva? _____

2ª PARTE

Para o correcto preenchimento deverás assinalar as duas opções de resposta mais adequadas. Desta forma, terás de indicar com um X por baixo das letras correspondentes às duas opções que, para ti, são as mais correctas.

Teste de Tomada de Decisão em Jovens Futebolistas – Transição Defesa -Ataque

1º TERÇO DO CAMPO CORREDOR CENTRAL	Jogador em posse de bola c/ pressão defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador em posse de bola c/ contenção defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola com marcação	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola sem marcação	A	B	C	D	E
1º TERÇO DO CAMPO CORREDORES LATERAIS	Jogador em posse de bola c/ pressão defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador em posse de bola c/ contenção defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola com marcação	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola sem marcação	A	B	C	D	E
2º TERÇO DO CAMPO CORREDOR CENTRAL	Jogador em posse de bola c/ pressão defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador em posse de bola c/ contenção defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola com marcação	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola sem marcação	A	B	C	D	E
2º TERÇO DO CAMPO CORREDORES LATERAIS	Jogador em posse de bola c/ pressão defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador em posse de bola c/ contenção defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola com marcação	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola sem marcação	A	B	C	D	E
3º TERÇO DO CAMPO CORREDOR CENTRAL	Jogador em posse de bola c/ pressão defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador em posse de bola c/ contenção defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola com marcação	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola sem marcação	A	B	C	D	E
3º TERÇO DO CAMPO CORREDORES LATERAIS	Jogador em posse de bola c/ pressão defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador em posse de bola c/ contenção defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola com marcação	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola sem marcação	A	B	C	D	E

Ficha de Registo

1ª PARTE

Nome do **TREINADOR**: _____

Data: ___/___/___ Clube actual: _____

Data de Nascimento: ___/___/_____

Contando com a época que está a terminar, há quantas épocas ensina Futebol? _____

Número de treinos semanais: _____ Tempo de treino por sessão: _____

Posição em que jogava normalmente (se foi jogador de Futebol): _____

Praticou outra modalidade desportiva colectiva anteriormente? _____ (Nº épocas)

Número de jogos semanais que assiste na televisão: _____

Quantas vezes representou a A.F.V.? _____

2ª PARTE

Para o correcto preenchimento deverá assinalar as duas opções de resposta mais adequadas. Desta forma, terá de indicar com um X por baixo das letras correspondentes às duas opções que, para si, são as mais correctas.

Teste de Tomada de Decisão em Jovens Futebolistas – Transição Defesa -Ataque

1º TERÇO DO CAMPO CORREDOR CENTRAL	Jogador em posse de bola c/ pressão defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador em posse de bola c/ contenção defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola com marcação	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola sem marcação	A	B	C	D	E
1º TERÇO DO CAMPO CORREDORES LATERAIS	Jogador em posse de bola c/ pressão defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador em posse de bola c/ contenção defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola com marcação	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola sem marcação	A	B	C	D	E
2º TERÇO DO CAMPO CORREDOR CENTRAL	Jogador em posse de bola c/ pressão defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador em posse de bola c/ contenção defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola com marcação	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola sem marcação	A	B	C	D	E
2º TERÇO DO CAMPO CORREDORES LATERAIS	Jogador em posse de bola c/ pressão defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador em posse de bola c/ contenção defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola com marcação	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola sem marcação	A	B	C	D	E
3º TERÇO DO CAMPO CORREDOR CENTRAL	Jogador em posse de bola c/ pressão defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador em posse de bola c/ contenção defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola com marcação	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola sem marcação	A	B	C	D	E
3º TERÇO DO CAMPO CORREDORES LATERAIS	Jogador em posse de bola c/ pressão defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador em posse de bola c/ contenção defensiva	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola com marcação	A	B	C	D	E
	Jogador sem posse de bola sem marcação	A	B	C	D	E